



Acenos sobre a contribuição da Engenharia Militar para a *Cabeça do Brasil*

Mário Mendonça de Oliveira

Preconceitos à parte, ninguém pode fazer a historiografia da arquitetura e do urbanismo, principalmente em Portugal e no Brasil, ignorando a contribuição da engenharia militar. Negar isto seria desconhecer, para falar só do Brasil, a contribuição do Sargento-mor José Antônio Caldas, do Capitão Antônio Landi, do Coronel Manoel Cardoso de Saldanha, do Sargento-mor Cosme Damião da Cunha Fidié e assim por diante. Na realidade, os nossos arquitetos só começam a ocupar os espaços que lhe cabem, após a vinda da Missão Militar Francesa e a fundação da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, já no Século XIX. Para a história da engenharia civil, o comprometimento com a engenharia

militar é maior ainda. Ela é civil, justamente para diferenciar a formação tradicional, mais antiga, que era somente **militar**. Nos seus primórdios, a Escola Politécnica de Lisboa, instalada no antigo Colégio dos Nobres, era uma repartição do Ministério da Guerra.

Afirma-se, também, o que é verdade, que a engenharia militar era discriminada nos primeiros tempos nos quadros do Exército, ou seja, até o Século XIX, embora algumas vezes fossem os militares mais qualificados e doutos e, consequentemente, alvos da inveja. Outras vezes, longe da corte e das mercês dos soberanos, que destacavam os seus serviços, principalmente pela necessidade que tinham deles, sofriam um

processo de discriminação, especialmente se eram *filhos do Brasil*, como o Sargento-mor José Antônio Caldas, um engenheiro militar competente e dedicado professor, que muito teve do que se lamentar. São inúmeras as representações encaminhadas ao Rei pelos engenheiros militares, pedindo que lhes fossem asseguradas as prerrogativas e honras do seu posto que, não raro, lhes eram negadas por alguns superiores¹. Este fenômeno, de certa forma, ocorria igualmente em Portugal. É esta a razão de muitos engenheiros conservarem na sua titulação de posto a sua arma de origem, onde tinham sentado praça, da qual não abriam mão, para que lhes fosse assegurado prestígio e, em geral, esta arma era a infantaria.

Para dar início ao assunto, dentro das limitações impostas por um texto com finalidade de divulgação geral, desejamos declarar que acreditamos piamente ser a hipótese um instrumento válido para se trabalhar com a historiografia, mas deve ser cercada de todas as reservas e ter um mínimo de fundamento documental para ser utilizada. Um estudioso respeitado pode, sem as devidas ressalvas, criar hipóteses capazes de provocar uma cadeia de equívocos, através de certos historiadores, que costumam transformar algumas afirmativas hipotéticas em verdades infalsificáveis. Assim sendo, vamos procurar estribar, na medida do possível, as afirmativas em citações, preferencialmente de fontes primárias, para permitir ao leitor a oportunidade do seu juízo.

Através de levantamentos feitos em Viterbo², como também em Lyra Tavares³, em Sepúlveda⁴, nas listagens que levantamos de desenhos de engenheiros do Arqui-



Figura 1 – Imagem do Fortim de N. S. de Monserrate, cujo projeto quinhentista é atribuído ao italiano Baccio di Philicaya.

Fonte: Inventário de fortificações da Bahia – NTPR/CNPq.

Autor Lucas Alves Ribeiro

vo Militar do Exército, em Lisboa, nas plantas assinadas dos arquivos AHU⁵ e GEHFOM⁶, também naquela cidade, e no Arquivo do Exército, no Rio de Janeiro, este número chega praticamente a trezentos, ou seja, muito superior ao que alguns estudiosos imaginaram.

Exceção feita ao mestre Luiz Dias, que lançou as bases do traçado inicial da Cidade do Salvador, poderíamos dar início às referências sobre especialistas da engenharia que por aqui andaram, ou que projetaram para a nossa praça, com Baccio di Philicaia ou Filicaya, italiano da Toscana, que aqui esteve, a serviço do Rei de Portugal, no fim do século XVI. (Fig. 1). As informações a seu respeito são muito difusas. Recebeu ele, provavelmente, pela vez primeira, o título de Engenheiro-mor do Brasil, ostentado posteriormente por Frias da Mesquita⁷. Quanto a Turriano e Spanocchi, citados frequentemente nos documentos, que fizeram diversos projetos de fortificação para o Brasil, analisaram e emendaram outros tantos, não há provas de que por aqui estiveram. O primeiro chegou até a ser designado pelo rei de Espanha para

participar da *Jornada de Todos os Vassalos* na libertação da Bahia, em 1625, ocupada pelos batavos. Escusou-se alegando velhice e achaques⁸.

O primeiro engenheiro-mor que merece particular destaque pelos seus trabalhos, tanto na *Cabeça do Brasil* quanto em muitas outras partes da Colônia, foi o Cap. Eng. Francisco Frias da Mesquita. A sua memória foi brindada, em 1945, por uma monografia de Silva-Nigra, que adicionou às informações de Viterbo, elementos interessantes que encontrou em documentos originais no Brasil⁹. Nesta fase, há referência a um engenheiro que veio da praça de Pernambuco para ajudar Frias nas fortificações da Bahia, em 1627, de nome Marcos Ferreira¹⁰.

Existem alguns períodos, no século XVI, em que parece que a praça de Salvador ficou desprovida de engenheiros, aliás não falta documentação que fale desta carência¹¹. Um desses documentários é encontrado logo depois que Frias da Mesquita deixa o Brasil, provavelmente para reforçar as tropas portuguesas na cruzada da Restauração. O último registro de pagamento deste engenheiro na Bahia foi no ano de 1635¹². Esteve, entretanto, engajado nas guerras da Restauração, em 1645 pois o comandante da fortaleza de Outão, dizia em missiva, em 1643;... *A planta della vay com esta, a qual fez o engenheiro Francisco de Frias, que aqui achey, homem velho e de experienzia, e me parece pessoa de gram talento, o que delle posso affirmar he a grande aplicação e cuidado que tem, não só no tocante ao seu officio, mas achandose presente a todos, e me parece pessoa de grande prestimo*¹³. Depois de Frias, verificam-se referências a Pedro Pelifigue, francês de nação, que, por carta de 15 de outubro de 1647, passa pela Bahia com Antônio Telles de Menezes¹⁴, voltando a Portugal, em 1650. Em resumo, acontece um intervalo entre Frias e Pelifigue

no qual não se sabe se a Capital do Brasil ficou sem engenheiro titular.

Ainda na época de Pelifigue, veio ter a capital portuguesa da América outro francês, Felipe Guitão, Guitou ou ainda Guitau. Sobre ele existe bastante documentação no Arquivo Histórico Ultramarino e no Arquivo Histórico Nacional do Rio de Janeiro, além do resumo de Viterbo. Os livros de *Mercês*, da Torre do Tombo, sugerem que ele esteve no Brasil duas vezes, morrendo, como indicam os documentos, aqui mesmo, em 1656¹⁵. Quando em Portugal, esteve sempre muito ligado às fortificações de Peniche¹⁶.

Os meados do Século XVII parecem-nos ter sido o momento dos engenheiros franceses, a serviço de Portugal, no Brasil, porque Guitão, sucedeu Pedro Garcim (ou Garim). Era ele combatente veterano, afeito à *guerra brazilica*, nas lutas para a expulsão dos holandeses de Pernambuco. Recebeu a patente de capitão engenheiro de D. João IV, em 1654, em função dos seus bons serviços como técnico e pelo seu destemor como combatente¹⁷. Em 1660, Garcim vem nomeado para a Bahia como capitão de infantaria com exercício de engenheiro. Não se sabe até quando Garcim viveu na Bahia, mas o primeiro grande nome dos profissionais que trabalhou, em seguida, para a capital do Brasil foi o do Capitão Corrêa Pinto.

Antônio Corrêa Pinto é tratado em Viterbo de maneira bem superficial. Sobre tal personagem, todavia, existem muitos documentos, tanto no Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa, quanto no Arquivo Histórico Nacional, no Rio de Janeiro. Em pinceladas rápidas, para se ter ideia das suas andanças, somos informados pelos documentos que, em 1668, vai nomeado para Pernambuco, por indicação em parecer de Luiz Serrão Pimentel¹⁸, mas, como

era no fim do ano, deve ter embarcado somente no ano seguinte¹⁹. A sua primeira missão foi cuidar do Forte do Brum, em Recife. Em 1671, Alexandre de Souza Freire convoca-o para a Bahia quando terminasse a sua missão²⁰, mas sua Portaria só sai em janeiro de 1674²¹. Ainda neste ano, pede registro da sua patente como capitão engenheiro *ad-honorem*²². No fim de 1674, já está em S. Vicente, pois o governador pede ao Conselho para lhe pagar o soldo. Daí passa a Paranaguá, em 1675, para examinar e mapear as minas, de onde Affonso Furtado Rios de Mendonça lhe pede a planta da cidade em questão²³. De passagem pelo Rio de Janeiro, em 1676, é preso pelo ouvidor Pedro de Unhão Castelo Branco, por estar transportando ouro sem fundição oficial, o que era caracterizado como crime de contrabando, por ser lesivo à Fazenda Real, mas em vista de o Governador Geral necessitar dos seus préstimos, solicita ao governo do Rio que o faça retornar à Bahia *mesmo estando preso*²⁴. Quem consegue salvá-lo da situação vexatória foi um padrinho bastante forte, nada menos do que Luiz Serrão Pimentel, de quem Pinto tinha sido discípulo e que, inclusive, recomendou a sua vinda para o Brasil²⁵. A provisão para a sua soltura só saiu em 22 de novembro de 1677²⁶. No ano seguinte, já era enviado pelo Governador Geral para fazer medições no forte do Brum, em Recife. Não temos dados de quando e onde faleceu.

Conviria, em relação ao episódio da prisão do Capitão Antônio Pinto, destacar um aspecto interessante. Grande parte dos nossos historiadores procura omitir estas passagens desabonadoras das vidas dos personagens da História, o que não consideramos correto. Por exemplo, não se observam referências à prisão do Capitão José Paes Estevens, por envolvimento com medições falsas e conluio com empreiteiros, nem a devassa da vida do ilustre Brigadeiro Massé, por suspeita de con-

trabando, na Bahia, e assim por diante.

Em virtude da necessidade de fortificar Salvador, cuja expugnabilidade era por demais conhecida dos especialistas, o Rei decidiu, então, em função da grande folha de serviços do capitão João Coutinho, mandá-lo à Bahia para fazer um projeto de fortificação da cidade capital. Era um profissional conceituado e experiente, veterano que foi de campanhas no Alentejo, que tinha vindo para Pernambuco²⁷ nomeado como capitão engenheiro *ad-honorem*, em 1676. Ao Brasil já tinha vindo uma vez, em 1649, sob o comando do general Manuel de Miranda Henriques.

O projeto deste engenheiro para as fortificações da Cidade de Salvador, transscrito por ordem expressa do Rei no livro de Transcrição de Cartas Régias²⁸, é o documento de engenharia militar mais importante do século XVII, que conhecemos em relação à Bahia, não só pelas abalizadas observações do experiente Coutinho, como também pelos pareceres anexos dos mais importantes engenheiros do Reino. Na parte final do documento, o engenheiro faz um interessantíssimo estudo de viabilidade econômica do seu projeto, que demonstra a sua cultura geral e o conhecimento da realidade do Brasil, além da sua capacidade técnica como engenheiro militar. É um texto obrigatório para quem estuda a história urbana de Salvador, não obstante terem desaparecidas as várias plantas que integravam o relatório. Grande parte dos projetos de fortificação da Cidade do Salvador feitos no século XVIII, inclusive o do Brigadeiro Massé, louvou-se em observações e propostas de João Coutinho. O mesmo volta a Pernambuco em 1685, onde faleceu, quase em seguida, em 1688, ou pouco antes²⁹.

Sobre o Cap. Eng. José Paes Esteves [Esteves] e seu sucessor na Bahia, o Sargento-mor António Roiz Ribeiro,

muito haveria que se dizer, especialmente sobre o último e sua vida atribulada, sempre colidindo com as estruturas do poder, com a sua feroz honestidade e com sua falta de *discurso*, como dizia o Mestre de Campo Engenheiro Miguel Pereira da Costa. Restringimo-nos, em virtude da amplitude do tema, apenas em mostrar o papel deles nos primórdios da formação do ensino da engenharia militar no Brasil.

Muita gente desavisada repete, até hoje, o que durante muito tempo foi difundido pelo Cel Pirassinunga³⁰, o Gen Lyra Tavares e outros que, mesmo com a Ordem Régia de 1699³¹, a Aula Militar não funcionou na Bahia: *Con quanto representasse esta Carta, como que uma ordem taxativa, não foi ela executada em nenhuma Capitania à excepção da do Rio de Janeiro onde, desde 1698, como vimos, havia preocupação constante naquele sentido.* Não concordamos com isto, e a documentação é muito clara sobre o assunto. Tanto a Aula Militar da Bahia, quanto a de Pernambuco, já tinham iniciado, de maneira informal, antes mesmo da Ordem Régia de 1699. Carlos Ott transcreve portaria do Governador datada de 1696 na qual se lê: *O Capitão Engenheiro José Pais Esteves venha todos os dias à tarde, à casa que tenho destinada junto ao Corpo da Guarda ensinar aos oficiais e soldados e mais pessoas, que quiserem aprender e dar lição da castramentação e da fortificação*³². Há probabilidade de que este ensino informal tenha, até, acontecido antes, já que Antônio Corrêa Pinto, quando foi recomendado para o Brasil, foi declarado capaz de ensinar fortificação.

O primeiro lente oficial da Aula Militar de Salvador foi Antônio Roiz Ribeiro, quando aqui chegou entre 1700 e 1701. Entre as grandes contendes que provocou estavam os seus insistentes pedidos ao Rei, para que fossem dispensados os seus

alunos militares, das guardas e revistas, quando coincidissem com a sua aula³³. Em relação a estas aulas, cabe fazer referência à criação de uma Aula de Arquitetura Militar, o que é um dado de grande importância, tendo como lente o Capitão Engenheiro Gaspar de Abreu, em 1713³⁴.

Ao iniciar-se o Século XVIII, inaugura-se nova fase na engenharia militar e na defesa da “Cabeça do Brasil”, quando passamos a contar com estes profissionais, mais ou menos fixos, para servir à praça. Destaca-se, então, o nome do Mestre de Campo Engenheiro, Miguel Pereira da Costa, que está relacionado em Viterbo, mas merece referência particular em qualquer trabalho que se faça sobre a Engenharia Militar em Portugal e no Brasil. Ele praticamente inaugurou a nova fase das fortificações na Capital do Brasil e tomou parte ativa nos principais trabalhos de defesa executados no Século XVIII³⁵, como os fortes do Barbalho e de São Pedro. Sobre as fortificações da Bahia, apresentou um relatório crítico assaz interessante encaminhado ao Reino em 1710: *Extracto da fortificação desta Praça da Bahia estado em q se acha, remédio de q neççita [sic]*³⁶.

De sua vida conhecemos os sentimentos íntimos da nostalgia desesperadora da terra natal e do seu Alentejo³⁷, sentimentos que o mestre Capistrano de Abreu apelidava de “transoceanismo”. Acabou, contudo, por se acostumar e amar o Brasil. Passaram-se os anos, já com o peso da idade, volta para tratar-se dos achaques em Portugal, porém, ei-lo, em seguida, a pedir ao Rei ajuda de custas para retornar a nossa terra, onde morreu.

Miguel começou a servir em 20 de março de 1699, o que quer dizer que teve uma ascensão rápida na carreira militar. Serviu em Cabo Verde, na Corte e no Alentejo, como soldado, ajudante, capitão

e sargento-mor engenheiro, mas sempre na infantaria. Trabalhou nas fortificações de Serpa e Moura, lutando pela sua defesa e recompondo-as quando o inimigo se retirou. Trabalhou também na fortificação de Mértola. Nomeado Tenente de Mestre de Campo da Bahia em 9 de novembro de 1709, teve a patente registrada no Brasil em 9 de novembro de 1710, lavrada pelo Secretário de Estado Gonçalo Ravasco Cavalcanti e Albuquerque (sobrinho do Padre Antônio Vieira)³⁸.

Como engenheiro fixo da Bahia, viveu em Salvador todo o tempo, só se afastando para alguma missão que requeria o exercício da profissão, como as fortificações de Angola e o levantamento das minas de Rio de Contas, trabalho que mereceu o agradecimento pessoal do Rei, através de carta, pela sua qualidade³⁹. Participou, com o Brigadeiro João Massé,⁴⁰ do grande projeto de fortificação de Salvador, que por muitos e muitos anos foi a referência de todos os engenheiros militares da cidade. O relatório sobre as sobreditas fortificações, que foi à consulta no Conselho Ultramariano, em 1716⁴¹, tinha como signatários, além de Massé e Miguel Pereira da Costa, o Capitão Engenheiro Gaspar de Abreu, lente da Aula Militar de Arquitetura. Dois discípulos desta aula e futuros distintos engenheiros da praça da Bahia, Gonçalo da Cunha Lima e João Batista Barreto, foram nomeados, nesta época, Ajudantes de Engenharia e tiveram como complementação dos seus conhecimentos, a oportunidade de trabalhar como colaboradores deste importante projeto.

Miguel Pereira da Costa é, como já dissemos, um daqueles engenheiros militares sobre quem existe muita documentação. Há que se fazer, todavia, referências a outros importantes profissionais da área, cujo exercício profissional poderia carac-

terizar verdadeiras fases sucessivas da engenharia militar da *Cabeça do Brasil*, onde pontificaram no decurso do Século XVIII. Foram eles, os coronéis Nicolau Abreu de Carvalho e Manoel Cardoso de Saldanha, e o Sargento-mor José Antônio Caldas, um dos maiores professores da nossa Aula Militar, que por ser brasileiro e baiano de nascimento, sofreu muita discriminação. Muitos outros engenheiros militares aqui viveram, ou fizeram trabalhos importantes na Bahia, e se destacaram na sua profissão. A este importante personagem da vida científica e cultural do Século XVIII (José Antônio Caldas) dedicamos um texto, que apresentamos ao IV Congresso de História da Bahia, que oferece os destaques preliminares à sua contribuição como primeiro professor formal de engenharia e arquitetura nascido na Bahia: *Sargento-mor José Antônio Caldas – um professor*.

Por ser soldado com ligações interessantes com a Bahia, apresentamos algumas observações rápidas sobre Manoel de Oliveira Mendes e sua vida: O Capitão Manoel de Oliveira Mendes é um dos poucos profissionais da engenharia militar a quem Marieta Alves faz referência no seu trabalho sobre artistas e artífices na Bahia⁴². Imediatamente após referir-se ao nome de seu pai, o famoso mestre Felipe de Oliveira Mendes e da sua mulher Maria Pereira. Como se sabe, este mestre pedreiro fez a frontaria da Igreja do SS. Sacramento e Sant'Ana, junto com o seu filho Manoel e muitos outros trabalhos na Cidade do Salvador. O casarão setecentista onde a família morou ainda existe, embora arruinado. É o imóvel nº 55 da Ladeira do Gravatá, no Centro Histórico de Salvador. Manoel aprendeu muito da arte da construção⁴³ com o seu pai e com ele colaborou em muitas obras. Da mesma forma que seu genitor, era natural da Vila de Viana,

Arcebispado de Braga. Assentou praça de soldado na infantaria em 1741⁴⁴ e, em 1743, pedia ao Rei para libertá-lo do tempo de soldado⁴⁵, para seguir postos superiores ou *outras bandeiras*, no que não foi atendido, mesmo mostrando o seu diploma de *Bacharel em Artes*, obtido no Colégio dos Padres da Companhia de Jesus. Através do parecer dado pelo Governador nestes processos, sabe-se que era filho de família abastada, mas era *destas pessoas que V.M. não costuma conceder mercé*⁴⁶. Isto significava que a sua família era de origem humilde e tinha conseguido fortuna no Brasil com o ofício da construção. Ainda como soldado obteve licença do Rei para ir a Lisboa tratar de assuntos particulares, ficando por lá mais de um ano. Finalmente, por provisão Real de 18 de outubro de 1749, *foi dispensado dos postos intermediários*, para poder passar a alferes, sendo nomeado para este posto no Regimento de Infantaria e Artilharia, em 9 de junho de 1766, e a tenente em 1º

de agosto de 1770⁴⁷. Ainda como soldado, fez a Aula Militar na qualidade de *partidista*, tendo como mestre Manoel Cardoso de Saldanha. (Fig. 2). Por muitos anos, serviu à Câmara na função de *arruador* da Cidade do Salvador e encontramos inúmeros *Termos de Alinhamentos e Vistorias* da cidade por ele assinados.

Manoel de Oliveira Mendes só foi nomeado Capitão do Regimento de Infantaria e Artilharia, em 1º de julho de 1773, por carta patente do governador, falecendo, logo em seguida, em 2 de agosto de 1773, antes da confirmação real. Serviu por mais de 32 anos a Portugal e ao Brasil. Este último, que foi sempre o país das oportunidades, fez da família simples dos Oliveira Mendes, a quem o Rei *não costumava fazer mercé*, uma família de fortuna e nome, já que o capitão-mor, Luiz Manoel de Oliveira, filho do Capitão Manoel de Oliveira Mendes, chegou a ser nomeado pelo Imperador Pedro II, Barão de Traripe⁴⁸, pelos serviços prestados ao Brasil.



Figura 2 – Igreja da Conceição da Praia (fachada e interior), cujo traço é atribuído ao Coronel Manoel Cardoso de Saldanha. O Lioz da sua construção veio de Lisboa já cortado.

— **Fonte:** Acervo do NTPR, foto de Gustavo Abreu



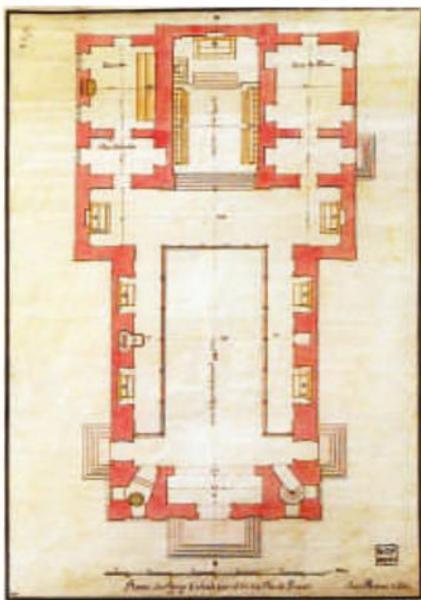


Figura 3 – Planta e fachada principal de um projeto para uma igreja, em São Tomé e Príncipe, de autoria do então Cap. José Antônio Caldas, baiano, professor da Aula Militar da Bahia⁴⁹

— **Fonte:** Texto de Caldas: *Notícia geral de toda esta Capitania da Bahia desde o seu descobrimento até o prez.^{lo} anno de 1759*

José Antônio Caldas (fig. 3) e Manoel de Oliveira Mendes assistem à perda da primazia administrativa de Salvador, quando deixou de ser a *Cabeça*, com consequente diminuição da sua importância no cenário do Estado do Brasil e em vista da pouca atividade construtiva no domínio das fortificações que acontecerá a partir de então, vamos estabelecer como limite no nosso texto esta fase. A nossa praça, entretanto, continua a ser provida de oficiais engenheiros fixos, na sua maioria formados em nossa Aula Militar (Fig. 4) e alguns vindos do Reino, que continuaram a dar a sua contribuição decisiva para o patrimônio construído, que até nós chegou, tanto de cidade quanto do edifício isolado.

Por motivos mais que óbvios, não poderíamos tratar aqui de todos os engenheiros militares, mesmo que limitando o nosso universo ao período no qual a nossa Salvador foi a Capital. Assim



Figura 4 – Igreja da Ordem Terceira do Carmo, com o traço do Eng. José de Anchieta Mesquita, antigo aluno de Caldas, na Aula da Bahia

— **Fonte:** Acervo do Arq. Francisco de Assis Salgado

sendo, resolvemos colocar uma listagem dos nomes que temos encontrado nas nossas investigações para esclarecimento

Relação de Engenheiros Militares da Bahia no Período Colonial ou que para esta praça trabalharam, obtida de diversas fontes

NOME	LOCAL	DATA/POSTO	OBSERVAÇÕES
Abreu (Gaspar)	Bahia	1716 - Sgt-mor	Lente da aula da Bahia desde 1711, aucedido em 1718, com a sua morte, por Gonçalo da Cunha Lima..
Barreto (João Baptista)	Bahia	1715 – Ajud. Eng	Ex discípulo da Aula Militar da Bahia – Baiano.
Bersane (José Berlingue)	Bahia	1736 – Arquiteto/pintor	Trabalhou na Ribeira das Naus em Salvador.
Bitencourt (João de Affonseca)	Bahia	1767 – Partidista da Aula	Auxiliar na Caldas – Fez cópias de planta da barra de Vitória.
Brichê . Francês	Bahia	Militar ? – Prof. Fortificações	Traduziu na Bahia Manual do Engenheiro ou elementos de Geometria Prática e Fortificações em Campanha. Usado nas aulas.
Caldas (José Antônio)	Bahia	1768 – Sgt-mor Inf com exercício de Eng	Voltando de S. Tomé, é nomeado lente da Aula Militar da Bahia – Ver plantas no AMRJ – Baiano
Saldanha (Manuel Cardoso de)	Bahia	1761 – Ten. Cel.	Em 1861, ainda em Salvador onde morreu – Mestre de Caldas
Carvalho (Eques)	Bahia	?	Desenhos no AMRJ.
Carvalho (Nicolau de Abreu)	Bahia	1746 – Ten. Mº.Campo Gen. 1709 – Cap. Eng.	Recomendado por Manoel de Azevedo Fortes, seu professor. Lecionou na Aula Militar mais de 23 anos.
Chaves (Pedro Gomes)	Bahia	1676 – Cap.Inf. c/exerc de	Proposto em 1º lugar para a Praça da Bahia.
Coutinho (João)	PE/Bahia	Eng	Projeto de defesa para Salvador em 1685.
Cunha Lima (Gonçalo)	Bahia	1718 – Cap. Eng.	Serviu sob a direção de Miguel Pereira da Costa e do Brigadeiro João Massé - Aluno da Aula Militar (Morto em 1725) Baiano.
Dalincourt (Luis) – 3º	Bahia/PE/RJ	1822 – Maj.	Cursou a Academia do Rio e, com a Independência ficou no Brasil – Morreu em 1839.
Dias (Luis)	Bahia	Mestre de Fortalezas	Constrói primeira defesa de Salvador na fundação - maiores detalhes em Viterbo p.551 Vol.I – proposta de fortificação de Filipo Terzi?
Estevens (José Paes)	PE/Bahia	1696 – Sargento-mor	Sucedeu a Coutinho. Em 1696 era professor da Aula Militar na Bahia.
Filicaia (Baccio). Italiano	Bahia	Eng. Militar - Sec XVI	Fortaleza e Igreja? (Barra, Monserrate e Igrejinha) Nos tempos de D. Francisco de Souza.
Frias de Mesquita (Francisco)	PE/Bahia	1602 – Eng. do Brasil	1598 - Pensionista. Em 1614 participa da expedição ao Maranhão, para expulsar os franceses. Em 1645, já está em Portugal.
Gomes de Melo (João)	Bahia	1753 – Cap. Eng.	
Gomes (Gregório)	RJ/Bahia	Cap. Engenheiro	Polemiza com António Roiz Ribeiro sobre a obra do Morro.
Gramacho (Antônio de Brito)	Bahia	1731 – Cap. Inf. com exercício de Eng.	Na vaga de João Teixeira – Professor da Aula Militar da Bahia – Discípulo de Miguel Peña da Costa.
Guitau (Felipe). Francês	Bahia	Eng. Militar	Ficou 3 anos na Bahia. Voltou a Peniche (Portugal) em 1650.
Jordão (Bernardo José)	Bahia	1753 – Cap. Eng	Da Aula Militar da Bahia. Seguiu outra arma.
Lemos (Vicente Pinheiro de)	Bahia	1783 – 2º Ten. Art.	Não tem conhecimentos militares, nem da profissão de Artilheiro, por se ter aplicado sempre ao risco.
Massali (Alexandre) Italiano	Bahia (?)	1588 – Cap. Eng.	Missão de fortificar o Brasil em companhia do governador Francisco Geraldez, que nunca chegou aqui.
Massé (João) Inglês	BA/PE/RJ	1712 – Brigadeiro	Projeto de fortificação para Salvador. Participou do início da construção do forte de S. Pedro.
Mendes (Manoel de Oliveira)	Bahia	1760 – Ajud. Eng.	Seguiu carreira militar na artilharia. Filho do Mestre Felipe de Oliveira Mendes, pai do Barão de Traipu.
Mesquita (José de Anchieta)	Bahia		Mapa em aquarela do AMRJ. Projeto de monumento cívicos e religiosos, na Bahia.
Paes (Diogo)	PE/Bahia	1783 – Ajud. Inf.	1624 - Aprendiz de Arquitetura – Foi com Mathias de Albuquerque para Pernambuco.
Pelifige (Pedro) Francês	Bahia	1629 – Cap. Inf.	Foi ao Brasil com António Teles de Menezes.
Pereira da Costa (Miguel)	Bahia	1647 – Engenheiro 1715 – Mestre de Campo	Manuscrito Bib Ajuda. Miscelâneas n° 26, 31 e 32 (Discursos sobre a fortificação da Bahia e outros. Em 1709 existia só o Sargento-mor Antº Rodrigues Ribeiro.
Pinheiro (Francisco)	Bahia	Eng.	No tempo de Miguel Pereira (?).
Pinheiro de Lemos (Vicente)	Bahia	1710 – Cap. (?) de Art.	Aplicado sempre ao "risco" Doc. 13.254 de C&A.
Pinto (Antônio Correa)	RJ/Bahia	2º Ten. de Art.	Preso pelo ouvidor. Protegido de Serrão Pimentel.
Ramos de Souza (José)	Bahia	1677 – Cap. Eng. 1767 – Ajud. Inf. c/Exerc. de	Tem desenhos no AMRJ. Chegou a Sargento-mor de mineiros em 1796. Filho da bahia, nascido em 1737.
Rodrigues Ribeiro (António)	Bahia	Eng.	Possível lente da Aula Militar da Bahia.
Santos (João da Silva)	Bahia	1700 – Sgt-mor Eng.	Levantou Porto Seguro e o Rio Doce.
Silva Costa (José Feliciano da)	Bahia	1802 – Cap. Eng.	Fez campanha de resistência portuguesa na Bahia.
Silva Leal (João da)	Bahia	1821 – Eng. militar	Fez os desenhos das fortalezas para o relatório de Galeão.
Soares de Melo (Estevão)	Bahia	1808 – 1º Ten. Eng. (R.C.E.)	Escreveu uma "Cosmografia Universal – Senhor de Melo".
Sousa (José Francisco de)	Bahia	1625 – Cosmógrafo	Copiou e reduziu plantas de Caldas. Lente da Aula Militar em 1781.
Teixeira (Manoel Rodrigues)	Bahia	1770 – Ajud Eng 1800 - Cel Art	Carta de Ilhéus até Morro de S. Paulo e rio Itapicuru. Assina com Brigadeiro.
Teixeira d'Araujo (João)	Bahia	1810 – Cel. Eng. 1725 – Cap. Eng.	Aluno "de partido" da Aula Militar da Bahia. "tirou a planta da Fortaleza do Morro de S. Paulo".
Tinoco (João Nunes)	Bahia (?)	1631 – Ofic. Arquitecto	Desenhou em Portugal o "Livro das Praças de Portugal com as Fortificações" que se encontra na Biblioteca da Ajuda.
Triburcio (Spanocchi)	Projetos para Brasil	1606 – Comendador Eng-mor	"Duas praças que se fortificaram pelos traços que fez o Comendador Triburcio Espanhol" Manuscrito da Bib. de Évora. Nunca cá esteve
Turriano (Leonardo) Ita. de Cremona	Projetos para Brasil	1598 – Eng-mor do Reino	Chamado pela sua fama por Felipe II de Espanha e I de Portugal. Sucedeu a Felipe Tercio. Só enviou projetos para Bahia, nunca cá esteve.
Velez Barreiros (Joaquim Antônio)	Bahia	1823 – Alferes	Serviu na Bahia na Guerra da Independência na parte portuguesa.
Vieira Godinho (João Baptista)	Bahia	1799 – Cel (?)	Comandou em 1799 o Regimento de Art. da Bahia Mineiro.
Vieira da Silva Oires (Joaquim)	Bahia	1804 – Cap. Eng.	Discípulo de Galeão na Aula Militar da Bahia. Planta no AMRJ. Planta da Bahia "uma das mais famosas do Reino.

NOTAS

- ¹ A título de exemplificação, observe-se o que contém a representação do Capitão de Infantaria, com exercício de Engenheiro, **Joam Batista Barreto**, que reclama contra a discriminação. Anexo ao processo, está um parecer do Engenheiro-mor do Reino, Manoel de Azevedo Fortes, juntando cópia da legislação vigente e mostrando a ilegalidade da discriminação. Arquivo Histórico Ultramarino – AHU – Avulsos, Bahia – 1740, Cx. 74, doc. 58.
- ² VITERBO, Francisco Marques de Sousa. *Diccionario Historico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes ou a serviço de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1899.3v.
- ³ TAVARES, Gen. Lyra A. *Engenharia Militar Portuguesa na Construção do Brasil*. Lisboa: SPME/Ministério do Exército (Português), 1965, 190p., il.
- ⁴ SEPÚLVEDA, Gen. Cristovão Ayres de M. *História Orgânica e Política do Exército Português – Provas*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1910. Dos 18 volumes, os de nº 5 a 9 foram dedicados à engenharia militar. Arquivo Histórico Ultramarino.
- ⁵ Gabinete de Estudos Históricos e Arqueológicos de Fortificações e Obras Militares da Diretoria de Engenharia do Exército Português.
- ⁶ TELLES, Pedro Carlos da Silva. *História da Engenharia no Brasil – Séculos XVI a XIX*. Rio de Janeiro: Clavero, 1994, p.38.
- ⁸ Aquivo Militar de Madrid. [Transcrições do coronel Aparici]: Negociado de Mar y Tierra, Legajo 906, año 1624, fls. 362/362v ... *pe[ro] al presente la falta de salud le obliga de suplicar, y de advertir á Vuestra Magestad como de quince años á esta parte es muy enfermo de gota, por la cual no es libre de su persona, antes muy impedido a pie y a caballo, y que en lugares húmedos está de continuo muy malo, como lo está en Lisboa ...* Recebe despacho favorável do Rei para não vir ao Brasil.
- ⁹ SILVA-NIGRA, D. Clemente da. Francisco de Frias da Mesquita, Engenheiro-mor do Brasil. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, v.9, p.9-63, 1945.
- ¹⁰ Biblioteca Nacional. Documentos Históricos. Rio de Janeiro: M.E.S., 1930. v.15, p.154.
- ¹¹ Observe-se o que diz Bernardo Ravasco Vieira, irmão do padre Antônio Vieira e por muitos e muitos anos Secretário de Estado do Brasil, no seu *Discurso Político*:... sobre todas estas faltas leve [sic] tao bem, a Praça sem Engenheyro, nem quem sayba usar de douis Trabucos, q' nella há, nem off.^{es} de Artilharia, ou Artilleiros q' o q' sabem ser... Arquivo de Évora. Código de cópias do Conselho Ultramarino, Cota: CV/1-17. Datado de 18 de Julho de 1692.
- ¹² Biblioteca Nacional. Documentos Históricos. Rio de Janeiro: M.E.S., 1930. v.15, p.156-158.
- ¹³ VITERBO. op. cit. v. I, p.380.
- ¹⁴ VITERBO. op. cit. v. II, p. 243.
- ¹⁵ Documentos Históricos do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: M.E.S., 1930, v.20, p. 304
- ¹⁶ Felipe Guitão, (*Francês de Nação*). Eng. e ajudante do Conde da Atouguia no Brasil, 21/02/1653, Torre do Tombo, L. 22, fl. 431v-432; Engenheiro da Praça de Peniche, 28/03/1650, Torre do Tombo, L. 18, fl. 188; Engenheiro para o Brasil, 20/09/1647, Torre do Tombo, Lv. 8, fl. 460v-461.
- ¹⁷ Torre do Tombo. Chancelaria de D. João IV, l. 23, fl. 78v.
- ¹⁸ AHU - Catálogo de Luísa da Fonseca nº 2265 – O trecho do parecer, do próprio punho de Serrão, datado de 02/06/1688 rezava: ...*solteiros aponto douis: em pr^o lugar Ant.^o Correia Pinto que esta em Estremoz de grande satisfação tanto que tinha alegora a sua conta a fortificação da cidade de Beja...*
- ¹⁹ Sua apostila de pagamento data de 1669.
- ²⁰ BIBLIOTECA NACIONAL. Documentos Históricos. Rio de Janeiro: M.E.S./ Augusto Porto, 1929. v.9, p. 460. De 08/11/1671.
- ²¹ BIBLIOTECA NACIONAL. Documentos Históricos. Rio de Janeiro: M.E.S./ Augusto Porto, 1929. v.9, p.98. De 02/01/1674.
- ²² BIBLIOTECA NACIONAL. Documentos Históricos. Rio de Janeiro: M.E.S./Bib. Nacional, 1934. v.26, p.264. De 16/10/1674.
- ²³ BIBLIOTECA NACIONAL. Documentos Históricos. Rio de Janeiro: M.E.S./ Augusto Porto, 1929. v.10, p.457. De 18/03/1675.
- ²⁴ BIBLIOTECA NACIONAL. Documentos Históricos. Rio de Janeiro: M.E.S./ Augusto Porto, 1929. v.11, p. 70. De 13/12/1676.
- ²⁵ AHU – Catálogo de Luísa da Fonseca, nº 2787.
- ²⁶ AHU – Catálogo de Luísa da Fonseca, nº 2788.
- ²⁷ ...*para que com o dito sirva de engenheiro na mesma capitania, onde assistira ás fortificações e ás daquelle estado onde for necessário, assy como na Bahia o faz Antonio Correa Pinto. Liv. 5 de Officios do Conselho Ultramarino, f. 433v*. In: VITERBO, op. cit. v. II, p.280.
- ²⁸ AHU – Registro de Cartas Régias (1675-1695), Ms. 245, fls.123-134.
- ²⁹ Documentos Históricos do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: v. 40, 1938, p.244 - Carta régia ao provedor para que se abstinha de executar a Isabel Batista, pela ajuda de custo que mandou dar o Marquês das Minas, ao seu marido, já falecido, o Eng. João Coutinho e seu filho – 06/03/1688.
- ³⁰ PIRASSUNUNGA, Adailton Sampaio. *O ensino Militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1958. p. 79-80.
- ³¹ Transcrição de Cartas Régias referentes à criação da Aula Militar da Bahia, contidas no Ms. 246 – Registro de Cartas Régias (1695-1710), AHU: S.^e o haver Aula na B.^a co' engenhr.^o a ensinar a forte-ficação.
- ³² OTT, Carlos. O Forte de Santo Antônio da Barra. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, n.14, p.135 – 159, 1959.
- ³³ AHU – Registro de Cartas Régias, Código 246: *Sobre dispensa dos alunos da aula de Ant.^o Roiz Ribr.*, fls. 235/236v -18/11/1707.
- ³⁴ A Carta Régia para o governador Pedro de Vasconcellos assim dizia: *Gov.^o e Capitão geral do estado do Brazil Am.^o Etc. Vi a conta q me destes da rezolução q. tomastes em mandar abrir Aulla da Arquitetura [negrito nosso] e ordenar ao Capitão engenhr.^o Gaspar de Abreu dictasse postilla á qual acudia bastante gente [negrito nosso]; porem q vos parecia conv.^{le} p.^a se augmentar, o conceder mais partidos do q. os tres asentados ...* AHU, Registro de Cartas Régias, Código nº 246 (1695-1715), Carta de 06/03/1713. Gaspar de Abreu recebeu Carta patente de Capitão Engenheiro da Praça da Bahia em 15/06/1711 – Torre do Tombo, Chancelaria de D. João V, l. 7, fl. 539. Foi nomeado Sargento-mor Engenheiro em 1716 e morreu na Bahia, em torno de 1718.
- ³⁵ AHU – Avulsos, Bahia, Cx. 32, doc.76.
- ³⁶ Biblioteca Nacional da Ajuda, Cota: 54-IX-8, nº 60.
- ³⁷ Carta de Miguel Pereira a um certo *padre mestre* de quem foi discípulo. Biblioteca Nacional da Ajuda, cota 54-XI-25 (nº 65) e 54-IX-8 (nº 62). Data: 18 de junho de 1710. Nº do Catálogo: 1813.
- ³⁸ BIBLIOTECA NACIONAL. Documentos Históricos - Provisões, patentes e alvarás (1699 – 1711). Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1943. v.59, p.80.
- ³⁹ Carta Régia agradecendo a planta de Rio de Contas. AHU: Avulsos, Bahia (21/08/1736). Cx. 58, doc. 12.
- ⁴⁰ O Brigadeiro João Massé marcou época na História da Engenharia Militar Brasileira. Foi enviado pelo Reino no início do século XVIII, para funcionar como "consultor" dos projetos de fortificação de praças. Era de origem inglesa (possivelmente batizado John Massey) e não francesa, como muitos historiadores dizem e, até mesmo, antigos documentos informam. A prova de sua nacionalidade pode ser encontrada em: CHABY, Claudio. *Synopse dos decretos remetidos ao extinto Conselho de Guerra*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1872 (Maço 64) – Decreto de 23 de janeiro de 1705, sobre oficiais ingleses

indicados para Portugal e também: MADUREIRA DOS SANTOS, Cel. H.M. *Decretos do extinto Conselho de Guerra*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1976 – Decreto de 4 de novembro de 1720 (Maço 79) – Sobre licença de Massé ir a Inglaterra, sua pátria.

⁴¹ AHU, Avulsos, Bahia – Cx. 8, doc. 29 – Relatório de 23/07/1715.

⁴² ALVES, Marieta. *Dicionário de Artistas e Artífices na Bahia*. Salvador: Universidade Federal da Bahia/Conselho Estadual de Cultura, 1974. p.114.

⁴³ Manoel Cardoso de Saldanha ao recomendá-lo para promoção diz: *soldado infante no Regimento de que é Coronel Manoel Xavier Ala, que depois de graduado em Filosofia, dispensado para os postos subalternos, vivendo com muita honra, foi à minha aula, e escreveu todas as matérias que ditei instrutivas para um perfeito oficial engenheiro, e com inteligência delas, riscava sofivelmente as plantas* [negrito nosso]; mas na prática de conhecer as obras e seus materiais, nas medições conforme a geometria prática ensina, em fazer conta dos seus valores, em avaliar projetos e os edifícios já construídos, como verificamos as avaliações que fez no inventário das fazendas dos Padres denominados da Companhia,

o julgo perfeitíssimo [negrito nosso]; por exercer o emprego de medidor das obras do Senado da Câmara desta Cidade. E este homem pode V. M. prover no posto de ajudante de Infantaria.

⁴⁴ Manoel sentou praça em 27/05/1741 no *Terço Novo*, hoje 2º Regimento de Infantaria Paga, segundo certidão de fé de ofício de 10/06/1773. AHU - Bahia. Catálogo de C & A., doc 22.120.

⁴⁵ AHU – Bahia. Avulsos, 27/04/1743, cx. 81, doc. 12, apelo negado pelo doc. 84, cx. 92. do mesmo fundo documental.

⁴⁶ AHU – Bahia. Avulsos, cx. 92, doc. 84, 25/5/1746.

⁴⁷ AHU – Bahia. Catálogo de C & A., doc. 22.120.

⁴⁸ Decreto de 14 de março de 1860; BRASIL. Governo Imperial. *Memorias da Viagem de SS. Magestades Imperiaes às Províncias; da Bahia, Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Sergipe e Espírito-Santo*. Rio de Janeiro: Typ. e Livraria de B.X. Pinto de Sousa, 1861. p. 209.

⁴⁹ CALDAS, José Antônio. *Notícia geral de toda esta Capitania da Bahia desde o seu descobrimento até o prez.^o anno de 1759*. Salvador: Tipografia Beneditina, 1951. Edição fac-similada. Resumo biográfico (anônimo) feito do ator do texto.



O arquiteto Mário Mendonça de Oliveira é Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia, na qual ensinou História da Arquitetura por 32 anos. Após aposentado, vem se dedicando ao ensino na Pós-Graduação em Arquitetura (PPGAU) da qual é professor do Quadro Permanente, na Linha de Pesquisa da Conservação e da Restauração. A sua produção historiográfica é, em grande parte, voltada para o estudo das fortificações, com destaque para as fortificações antigas do Brasil, mas também, na qualidade de arquiteto restaurador, tem participado do projeto e da restauração de muitas delas. Pela sua dedicação e empenho na conservação e restauração do nosso patrimônio edificado, recebeu inúmeras comendas e distinções entre as quais: o título de Comendador da Ordem do Mérito do Estado da Bahia, o diploma de Colaborador Emérito do Exército Brasileiro, a medalha da Ordem do Mérito Militar, da mesma instituição. É membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, da Academia de Ciência da Bahia, da Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos e do ICOFORT (*International Scientific Committee on Fortifications and Military Heritage*) bem como do ICOMOS-BR (*International Council on Monuments and Sites*) do qual acaba de receber a distinção de Sócio Emérito, pela sua vida dedicada à conservação do nosso patrimônio.